

Mircea Eliade (Bucareste, 13 de Março de 1907 — Chicago, 22 de Abril de 1986) foi um historiador e romancista romeno naturalizado estadunidense. Foi um dos mais importantes e influentes historiadores e filósofo das religiões da contemporaneidade.

Embora o seu trabalho académico nunca tenha estado subordinado às suas crenças políticas, este reflecte a escola de pensamento associada à Roménia do entre-guerras, bem como das obras de Julius Evola, tendo ligações temáticas comuns às do fascismo. O académico Marcel Tolcea tem defendido que, por intermédio da interpretação que Evola fez das obras de Guénon, Eliade manteve uma ligação notável às ideologias nacionalistas e que este transparece nas suas obras.

Um artigo, datado dos anos 30, via Eliade retractar Julius Evola como sendo um grande intelectual e elogiar intelectuais tão polémicos como Oswald Spengler, Arthur de Gobineau, Houston Stewart Chamberlain e inclusive Alfred Rosenberg, ideólogo nazi. Evola, que continuou a defender os princípios do fascismo místico, na sua interpretação de Direita, chegou a protestar que Eliade pecava por não o citar a ele nem a Guénon. Eliade respondeu-lhe que os seus trabalhos se destinavam a um público mais amplo, que não os iniciados dos círculos esotéricos. No final dos anos 60 Eliade, bem como Evola e Rougier, entre outros intelectuais, deram o seu apoio ao GRECE - Groupement de Recherche et d'Études pour la Civilisation Européenne, parte da corrente intelectual que ficou conhecida pelo nome de Nova Direita.

“Do nosso ponto de vista, cremos que a Guarda de Ferro foi um movimento mais religioso e militar que político, havendo que estudá-lo como tal, mais de um ponto de vista sociológico e antropológico-etnológico do que de um ponto de vista ideológico e político (...) a Guarda de Ferro esteve tão estreitamente vinculada às tradições romenas, que a investigação histórica que a queira estudar deverá ir a par com uma pesquisa histórica, religiosa e com tudo o mais que tal possa acarretar.” - Franco Cardini

Mircea Eliade e a Guarda de Ferro constitui uma importante contribuição para a compreensão do itinerário intelectual do grande historiador das religiões, bem como para a história do Movimento Legionário nas suas relações com a cultura romena. Apoiando-se numa abundante documentação, o autor empenhou-se em reconstituir todo um quebra-cabeças, do qual sobressai que uma grande parte da produção teórica e romanesca de Eliade é indissociável do empenho do escritor, nos anos 30, a favor do movimento fundado e dirigido por Corneliu Zelea Codreanu.

A competência de Claudiu Mutti sobre este assunto é inquestionável. Falando fluentemente o romeno, traduziu para o italiano os principais textos da literatura legionária e escreveu vários livros sobre o fenómeno legionário e a influência de René Guénon na Roménia.

Mircea Eliade e a Guarda de Ferro - Claudiu Mutti

# MIRCEA E A ELIADE DE GUARDA FERRO

CLAUDIO MUTTI



Claudio Mutti (nascido em 1946) formado em filologia clássica, traduziu para o italiano obras de Plutarco, Aratos, Porfírio, do Imperador Juliano e de Salústio. Depois de ter desenvolvido actividade docente e de pesquisa no Instituto de Filologia Fino-Úgrico de Língua e Literatura Húngara da Universidade de Bolonha, cargo a que teve que renunciar em 1974.

Mutti escreveu diversas obras relativas ao folclore da Europa central, estudando o conteúdo simbólico das tradições populares seguindo os passos das indicações fornecidas por René Guénon.

No âmbito de um aprofundado interesse pela cultura da área carpático-danubiana, traduziu numerosos documentos e depoimentos relativos ao movimento legionário romeno e ao movimento das cruzes flechadas húngaro. Em particular, investigou as relações de Mircea Eliade, Emil Cioran e Constantin Noica com o Movimento Legionário; fez pesquisas aprofundadas acerca da influência exercida por René Guénon e Julius Evola nos países da Europa danubiana; deu a conhecer em Itália importantes escritores tradicionalistas tais como o romeno Vasile Lovinescu e o húngaro Béla Hamvas.

Publicou uma vintena de livros e umas centenas de artigos em Itália, na Europa e alhures.



ANTAGONISTA

ISBN: 978-989-8336-08-8



9 789898 336088



Título original: *Mircea Eliade e la Guardia di Ferro*

© Edizioni all'Insegna del Veltro, 1989.

© Claudio Mutti, 1989.

Excepto o prólogo

© Jordi Garriga, 2010.

© Ediciones Nueva Republica, 2010.

Tradução: Antagonista Sociedade Editora, Lda.

Grafismo e paginação: [www.hekiw.pt.vu](http://www.hekiw.pt.vu)

ISBN: 978-989-8336-08-8

Depósito legal: 313033/10

© Antagonista Sociedade Editora, 2010

<http://antagonistaeditora.blogspot.com>

[antagonistaeditora@gmail.com](mailto:antagonistaeditora@gmail.com)

Impresso na União Europeia por Publidisa.

**Claudio Mutti**

**Mircea Eliade  
e a Guarda de Ferro**



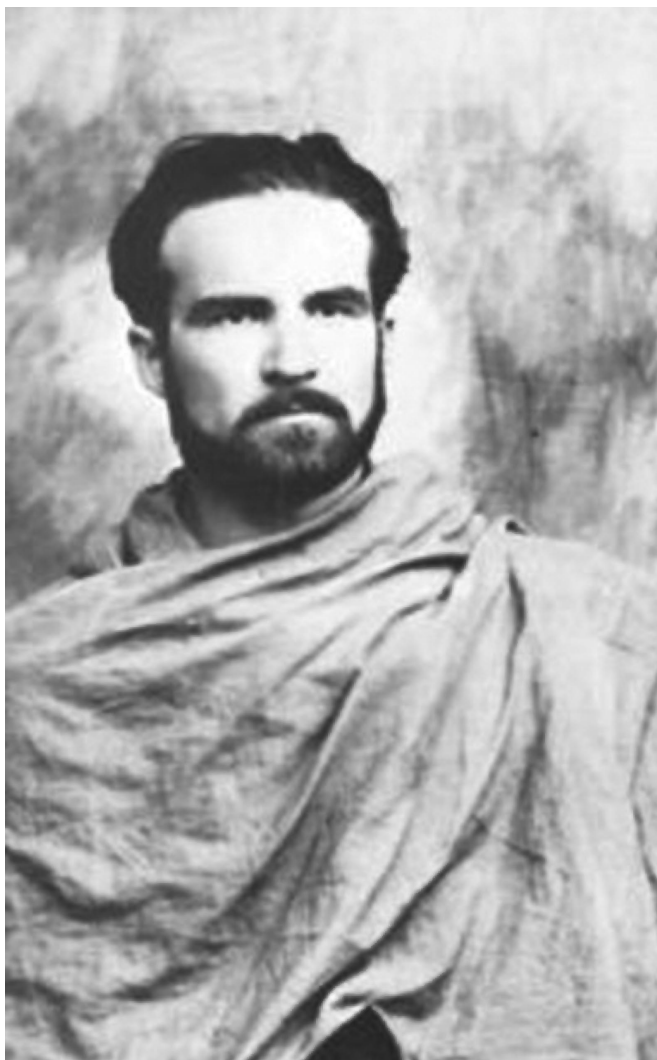
## Índice

Prólogo .....	7
Introdução .....	19
I - No Campo de Concentração .....	23
II - A Última Oportunidade para a Roménia .....	41
III - Eliade Anti-Semita? .....	47
IV - Um Doutrinário do Legionarismo .....	55
V - A Tragédia Inédita .....	71
VI - Um Testamento em Forma de Romance .....	77
VII - Eliade e o Holocausto .....	85
VIII - Ifigénia Legionária .....	95



**Prólogo**  
**A Dupla Infâmia.**  
**Uma Introdução a “Mircea**  
**Eliade e a Guarda de Ferro”**  
*Jordi Garriga*





*Mircea Eliade em 1928*

## A Legião

Desde que no ano 1054 se separaram as Igrejas cristãs oriental e ocidental, ou seja, católica e ortodoxa, que as suas diferenças fundamentais são plenamente tangenciais: a autoridade de um chefe central só nos católicos, o não-celibato dos sacerdotes ortodoxos, e pouca coisa mais à parte dos ritos externos.

Sem embargo, há uma diferença que me parece fundamental e que não é de pouca monta: os cristãos orientais fazem finca-pé no sentido comunitário da religião, algo muito próximo às nossas antigas religiões pagãs, enquanto que os ocidentais (justo é dizer sobretudo os protestantes) têm muito presente o conceito de salvação individual. Fácil é deduzir daí a moderna tendência individualista, que entre outras coisas proclama o êxito pessoal como uma coisa boa e um exemplo para todos. Pelo contrário, os ortodoxos dizem: “Um indivíduo sozinho pode ser condenado, mas se alguém se puder salvar é juntamente com os demais”. A salvação entendida como uma obra de toda a comunidade, de toda nação. Dentro deste universo mental nasceu a Legião do Arcanjo Miguel, a Guarda de Ferro.

E para falar da história da Legião do Arcanjo Miguel é imprescindível começar pelo seu fundador, Corneliu Zelea Codreanu. Recém acabada a Primeira Guerra Mundial, a Roménia tinha praticamente duplicado o seu território graças à destruição do Império Austro-Húngaro, planificada pelos aliados para eliminar as ameaças de poderosos concorrentes continentais no futuro. A Roménia absorveu igualmente importantes minorias alemãs, húngaras, eslavas e judaicas, o que, juntamente com outros problemas, abriu as portas a uma situação muito instável.

É nessa atmosfera que em 1919 se reúnem vinte estudantes liceais no bosque de Dobrina, entre eles Codreanu, numa conjura, visando uma Roménia livre. Militando primeiro na “Guarda da Consciência Nacional”<sup>1</sup>, e posteriormente na “Liga Cristã de Defesa Nacional” em 1923, sob as ordens do líder nacionalista Cuza, vai germinando o seu ideal, um ideal distanciado das complacências aburguesadas dos nacional-cristãos. Uma prova disso é a greve de estudantes convocada pela Liga nesse mesmo ano de 1923, embora tivesse sido um êxito, ao ver que os seus resultados eram praticamente nulos, Codreanu decidiu desconvocá-la e junto com outros seis companheiros resolveu assassinar aqueles a quem consideravam responsáveis pela situação do país: seis ministros do governo, os rabinos de Bucareste, três banqueiros e três directores de jornais. O complot é descoberto graças à traição de um dos integrantes do grupo. O próprio Mota (que mais tarde cairia lutando na Guerra Civil Espanhola) acabaria com a vida do traidor. O resto do grupo seria absolvido das acusações.

Durante os anos 20, a popularidade de Codreanu cresce imparavelmente, devido às suas iniciativas políticas e sociais. A 24 de Junho de 1927 funda a Legião do Arcanjo Miguel, depois de ter abandonado a Liga devido a discrepâncias em várias posições. Em Abril de 1930 funda o braço político-militar da Legião, a Guarda de Ferro<sup>2</sup>. Contudo, no ano seguinte, a 11 de Janeiro de 1931, o rei da Roménia, Carol II, ilegaliza as duas organizações e Codreanu vê-se obrigado a apresentar

---

1) Em 1920, Codreanu foi expulso da universidade pelas suas actividades.

2) Para saber mais sobre a Guarda de Ferro, ver “Guarda de Ferro”, e “Manual do Chefé” editados por Nothung nos anos 70 e 80 em Barcelona. Em 2003 as Ediciones Nueva Republica publicaram o livro “Dois Movimentos Nacionais” de Horia Sima, onde se podem encontrar mais dados sobre a sua ideologia.

a sua candidatura às eleições desse ano como “Grupo Corneliu Z. Codreanu”, com o famoso símbolo das seis linhas cruzadas como as grades da janela de uma cela. Finalmente consegue representação parlamentar.

Em 1933 voltam a ser ilegalizados, depois de uma violenta campanha de perseguição por parte do governo. A 29 de Dezembro desse ano, um grupo de legionários<sup>3</sup> assassina o primeiro-ministro Duca, fiéis à tradição legionária, acto contínuo entregam-se à polícia, pois consideram que não são um bando de malfeitores, antes, a todo o momento, hão-de dar provas de que querem sacrificar-se verdadeiramente pela pátria. Terão ocasião durante a década de 30 para o demonstrar.

A 21 de Fevereiro de 1938 o rei Carol II amplia a sua ditadura e dissolve o parlamento, cria uma nova constituição e assume todos os poderes pessoalmente, incluindo o judicial. Perante essa situação, Codreanu dissolve o partido “Totul Pentru Tara”<sup>4</sup> para pôr a salvo todos os seus militantes. Aconselham-no a ir para Itália ou para a Alemanha, mas decide permanecer junto dos seus. A 17 de Abril é detido numa rusga massiva de centenas de legionários. Condenado a 10 anos de encarceramento, será assassinado por ordem expressa do rei, conjuntamente com treze dos seus legionários<sup>5</sup>. Foram retirados da prisão pela polícia secreta e estrangulados com arames, posteriormente dispararam sobre eles e enterraram-nos com cal numa prisão militar nos arrabaldes de Bucareste. Foi a sinistra noite de 29 para 30 de Novembro<sup>6</sup>.

O novo chefe da Legião, Horia Sima, preparou uma

---

3) Os chamados Nicadori, com base nas iniciais dos seus nomes.

4) “Tudo Pela Pátria”, fachada eleitoral da Guarda de Ferro.

5) Os dez “decenviros” que assassinaram um traidor, e os três “nicadori” dos quais já falámos. Destaque-se a devoção que se tinha na Legião pelo número 13.

6) Segundo o folclore romeno, há duas noites em que os vampiros estão especialmente activos: o 23 de Abril, São Jorge, e o 30 de Novembro, Santo André.

insurreição, mas fracassou. A 6 de Janeiro ele e outros dirigentes tiveram que fugir da Roménia, a maioria rumo à Alemanha. Contudo, manteve-se uma estrutura de base, clandestina, que continuou a operar e a promover uma luta armada de pequena escala. Como exemplo disso, o principal responsável pela desarticulação da Legião, o primeiro-ministro Armand Calinesco<sup>7</sup>, foi assassinado poucos meses depois por atiradores. Os culpados entregaram-se em seguida, sendo imediatamente fuzilados e pendurados em postes de iluminação no centro de Bucareste.

---

7) No momento do assassinato de Codreanu, Calinescu era ministro do Interior.

## Mircea Eliade

O panorama da Legião durante os anos 30 parece marcado pela violência, mas foi uma violência imposta pelas circunstâncias. Foi o terceiro movimento fascista mais popular da Europa, a seguir aos alemães e aos húngaros. Em 1937 alcançou o auge da sua popularidade, obtendo 15,58% dos votos nas eleições de Dezembro, sem embargo, “Eugen Cristescu, o na altura chefe da polícia romena, declararia que o TPT tinha obtido cerca de 800.000 votos, quer isto dizer, mais de 25% do voto popular”<sup>8</sup>. O que quer dizer que a Legião trazia para o seu combate algo mais do que a violência: toda uma doutrina, todo um estilo.

O estilo, a ideologia, encarnavam-se sobretudo nos estudantes universitários, que representavam a ponta de lança do movimento, a sua vanguarda mais aguerrida. Ao mesmo tempo eram estes que articulavam o discurso legionário de salvação nacional e social. Quem redigia as publicações, escrevia livros, fazendo simultaneamente parte dos campos de trabalho e laborando lado a lado com os mais humildes. Entre eles estiveram Emil Cioran e Mircea Eliade.

O caso de Emil Cioran é sintomático: nascido em 1911 na Transilvânia, nos anos 30 vestiu a camisa verde da Legião e de 1934 a 1940 publicou diversos livros e artigos<sup>9</sup> de tendência claramente fascista, na sua vertente mais nacional-revolucionária. Viveu em Paris desde 1937 até à sua morte em 1995, se bem que nunca se tenha naturalizado francês. Em 1989 foi nomeado membro honorário da União dos Escritores Romanos.

---

8) Santley G. Payne, *Historia del Fascismo*, Ed. Planeta, Barcelona, 1995, p. 355.

9) Principalmente no jornal *Vremea*.

Até aqui tudo mais ou menos normal: Cioran viveu numa época e num país em que se tinha que tomar partido, e fê-lo.

O que resulta degradante é a atitude do meio que o rodeava: mal Cioran tinha morrido e já se iniciava uma campanha na imprensa francesa, com artigos e livros, na qual era violentamente desqualificado, afirmando-se que na realidade toda a sua extensa obra literária estava sob suspeita, já que poderia esconder ideias perigosas. Esta campanha era orquestrada, por um lado, por escritores romenos que tinham feito carreira sob o comunismo. E se o alvo é alguém que não se pode defender, melhor. Por outro, por certos “intelectuais” profissionais.



*Horia Sima*